



INSEGURANÇA ALIMENTAR

País está de volta ao Mapa da Fome da ONU

FAO aponta que mais de 60 milhões de brasileiros enfrentam dificuldade para conseguir comida. Problema avança pelo mundo

» LUANA PATRIOLINO

Desafio para muitas nações, o acesso à alimentação e a uma nutrição equilibrada pioraram no último ano no Brasil, na América Latina e no mundo. Por aqui, a quantidade de brasileiros que enfrentaram algum tipo de insegurança alimentar ultrapassou a marca de 60 milhões de pessoas — atinge um em cada três brasileiros. Os dados constam de um relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), divulgado ontem.

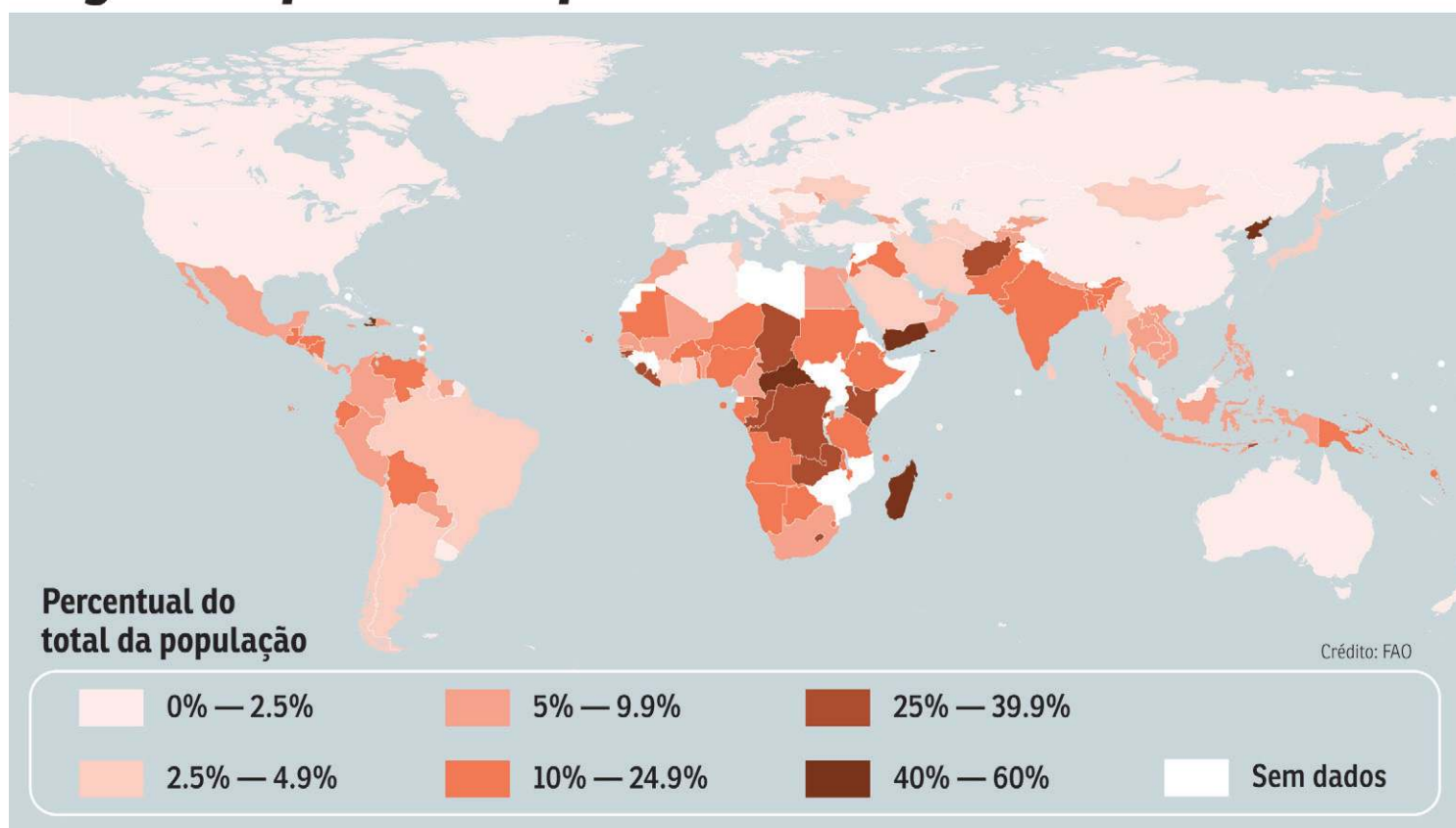
A instituição alertou que o mundo “se afastou” do objetivo de erradicar a fome até 2030. O documento mostra que o número de pessoas que lidaram com algum tipo de insegurança alimentar foi de 61,3 milhões, número alarmante considerando que a população brasileira é estimada em 213,3 milhões.

No resto do mundo, a situação também é grave, principalmente nos países mais pobres. Segundo a FAO, cerca de 828 milhões de pessoas foram afetadas pela fome em 2021. O número cresceu cerca de 150 milhões desde o início da pandemia de covid-19: mais 103 milhões entre 2019 e 2020, e 46 milhões em 2021.

A pesquisa também leva em consideração o recorte de gênero. Em 2021, 31,9% das mulheres no mundo tinham insegurança alimentar moderada ou grave, em comparação com 27,6% dos homens. A desigualdade crescente é mais evidente na América Latina e no Caribe, onde a diferença entre homens e mulheres ficou em 11,3 pontos percentuais. Em 2020, esse índice era 9,4 pontos percentuais.

Quase 3,1 bilhões de pessoas não puderam pagar por uma alimentação saudável em 2020. Isso representa 112 milhões a mais do que em 2019, refletindo a inflação nos preços dos alimentos ao

Flagelo dos países mais pobres



consumidor decorrente dos impactos econômicos da pandemia de covid-19 e das medidas adotadas para contê-la.

Voltando ao Brasil, os últimos números da FAO revelam uma piora sensível da insegurança alimentar. Entre 2014 e 2016, atingiu 37,5 milhões de pessoas — 3,9 milhões em condição grave.

Para a organização, a insegurança moderada é medida quando a população não tem certeza sobre a capacidade de conseguir comida e, em algum momento do ano, teve de reduzir a qualidade e quantidade de alimentos. A insegurança grave é entendida quando as pessoas ficam sem alimentos por um dia ou mais.

“O número de pessoas em insegurança alimentar na

Não confunda

Insegurança alimentar moderada

Nível de gravidade da insegurança alimentar em que as pessoas enfrentam incertezas sobre a capacidade de obter alimentos e são forçadas a reduzir, em algum momento, a qualidade ou quantidade dos alimentos por falta de dinheiro.

Insegurança alimentar severa

O nível de gravidade da insegurança alimentar em que as pessoas, provavelmente, ficaram sem comida, passaram fome e, no caso mais extremo, ficaram dias sem comer, colocando a saúde e o bem-estar em grave risco, com base na Escala de Experiência de Insegurança Alimentar.

região sugere que o problema não se limita mais aos grupos sociais que vivem na pobreza há muito tempo; a insegurança alimentar já atingiu as cidades

e dezenas de milhares de famílias que não a vivenciavam antes”, disse o representante Regional da FAO América Latina e Caribe, Julio Berdegue.

Impacto da guerra

Em relação aos impactos da guerra na Ucrânia, as simulações contidas no relatório da FAO sugerem que, no cenário de choque moderado, o número global de pessoas subalimentadas em 2022 aumentará em 7,6 milhões, enquanto esse crescimento pode chegar a 13,1 milhões de pessoas, acima das estimativas de base, sob a configuração mais severa de choque.

Para a América Latina e o Caribe, até 2022, isso significaria um aumento de 0,62% no número de subalimentados na região — 350 mil pessoas — no cenário de choque moderado, e 1,13% — 640 mil pessoas — na configuração de choque mais grave.

Três perguntas para

Rafael Zavala, representante da FAO no Brasil

Os números são preocupantes?

Sim, porque a tendência é que sejam ainda piores no futuro. Existem quatro causas principais da fome: conflitos armados, choques climáticos, choques econômicos e choques sanitários. Atualmente estamos vivendo o que a FAO chama de “tempestade perfeita” para a segurança alimentar, pois estes quatro fatores estão acontecendo ao mesmo tempo em alguns lugares do mundo.

As políticas públicas avançaram no Brasil?

Estamos vivendo um momento ímpar da história, onde todas as fragilidades dos nossos sistemas alimentares estão expostas, o que pode inclusive ser uma oportunidade de enxergar as lacunas e traçar novas rotas para a erradicação da fome em todo o mundo.

Como fazer para a segurança alimentar voltar a ser prioridade?

Se os governos redirecionarem os recursos para priorizar os consumidores de alimentos e incentivarem a produção, o fornecimento e o consumo sustentáveis de comida nutritiva, ajudarão a tornar alimentações saudáveis menos dispendiosas e mais acessíveis para todos.

AMAZÔNIA

Univaja vê omissão no caso Bruno e Dom

» ISABEL DOURADO*

Um mês após o brutal assassinato do indígenista Bruno Araújo e do jornalista britânico Dom Phillips, a União das Organizações Indígenas do Vale do Javari (Univaja) insiste que a pressão nacional e internacional não pode parar. A entidade cobra a apuração do assassinato e a identificação de possíveis mandantes do crime. Segundo o procurador jurídico da Univaja Eliésio Marubo, a omissão do Poder Público deixa os indígenas temerosos pela segurança das comunidades.

“Trinta dias depois do assassinato de Dom e Bruno na região do Vale do Javari continuamos na mesma sensação de insegurança de antes, conforme a Univaja já tinha previsto. As autoridades nada fizeram para fortalecer a segurança na região. A Polícia Federal ainda investiga o caso e autoridades policiais têm feito conclusões pessoais sobre o desfecho do crime”, disse o procurador.

Ontem, Beto Marubo enviou ao **Correio** uma carta em homenagem ao indígenista Bruno Pereira — um amigo pessoal a quem chamava de “grandão” — e

ao jornalista britânico Dominic Phillips. Leia um trecho:

“Grandão, o acampamento está pronto, feito com palhas de coco. Ouço o barulho das grandes árvores vindo do leste. Os macacos ziguezague anunciam o amanhecer. A terra enlameada do acampamento logo estará vazia, pois as equipes de expedição seguirão viagem rio acima. Os igarapés nas margens dos rios Curuçá e Itaquai estão secos, onde um bando de queixadas passou ontem. A anta assobia solitária pelo rio Jaquirana. A jacutinga canta triste pelas cabeceiras do Jutai lá pelas bandas do rio Ituí. Os isolados estão tocando suas flautas, feitas de ossos de macaco preto. Os Korubos estão querendo retornar as suas terras no rio Coari. Os Matis voltaram às pazes com os Korubos e, agora, planejam tomar cipó tatixk nas cabeceiras do rio Branco (...).

Agora, o mundo inteiro sabe que, no Vale do Javari, reina a omissão, a inação e a política negacionista, a ausência total de Estado em nossa terra, mesmo após um mês do seu assassinato. Sabem até que a Fundação Nacional do Índio (Funai) perseguia e continua perseguindo você. O

Pedro França/Agência Senado



Eliésio Marubo para “Grandão”: “Sabemos que você morreu por nós”

atual presidente deste país tentou de todas as formas desconstruir a sua história, mas ela se manterá por gerações, pois nós, povos do Vale do Javari, sabemos que você morreu por nós, pela nossa terra. Nunca vamos nos esquecer disso. A sua luta continuará através de nós e de nossas gerações (...).

Teremos de seguir, tristes, sem a sua companhia. Fique bem, prossiga a sua expedição pelas matas da minha terra. Vamos nos falando pelos sonhos da ayahuasca. Oshatso, Grandão!”

*Estagiária sob a supervisão de Vinicius Doria

Anvisa mantém veto a cigarro eletrônico

Reprodução Internet



A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) manteve a proibição de venda dos chamados cigarros eletrônicos no país. A diretoria colegiada da agência aprovou, ontem, por unanimidade, o relatório de impacto regulatório sobre os dispositivos. Cristine Jourdan, diretora responsável pelo setor da Anvisa que regula a indústria do tabaco, considerou “inviável e potencialmente lesiva à saúde” a proposta de liberar o consumo de dispositivos eletrônicos para fumar (DEF), como os cigarros eletrônicos são tecnicamente chamados. A comercialização, importação e propaganda dos DEFs são proibidas no Brasil desde 2009.